

# Reuna

## INTENÇÃO EMPREENDEDORA ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E PORTUGUESES

## ENTREPRENEURIAL INTENTION BETWEEN BRAZILIAN AND PORTUGUESE UNIVERSITIES

**Luis Eduardo Brandão Paiva**

Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil  
[edubrandas@gmail.com](mailto:edubrandas@gmail.com)

**Tereza Cristina Batista de Lima**

Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil  
[tcblima@uol.com.br](mailto:tcblima@uol.com.br)

**Sílvia Maria Dias Pedro Rebouças**

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes (ISMAT), Portugal  
[smdpedro@gmail.com](mailto:smdpedro@gmail.com)

**Submissão:** 11 Ago. 2020. **Aprovação:** 6 Mar. 2021. **Publicação:** 18 Mar. 2021.

**Sistema de avaliação:** *Double blind review*. **Centro Universitário UNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil.

**Editor chefe:** Prof. Dr. Thiago Soares Nunes

Este artigo encontra-se disponível nos seguintes endereços eletrônicos:

<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/1201>

### Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo verificar a influência do perfil dos universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora. Trata-se de um estudo quantitativo e descritivo, com dados coletados junto a 397 estudantes universitários – 285 indivíduos de uma Universidade brasileira e 112 de uma Universidade portuguesa, ambas com cursos relacionados à gestão e disciplinas direcionadas ao empreendedorismo. Adotou-se um conjunto de itens, abordando as características sociodemográficas e a experiência profissional dos pais, com bases metodológicas em Carvalho e González (2006) e Thompson (2009). As técnicas estatísticas utilizadas segmentam-se em estatística descritiva e regressão logística. Os resultados permitiram apontar, primeiramente, para a amostra brasileira: influência positiva da experiência profissional (proprietário de uma empresa), alinhando-se à Teoria do Comportamento Planejado, de Ajzen (1991), que mostra que quanto maior a intenção, mais provável é o comportamento empreendedor; e ainda influência negativa do sexo feminino e da experiência dos pais (pais que não são empreendedora), verificando-se, assim, influência positiva do contexto familiar na intenção empreendedora. Além disso, para a amostra portuguesa, constatou-se influência negativa relacionada ao ano em que o estudante entrou na universidade, ou seja, quanto mais recente o ano em que este entrou na universidade, menos é a sua intenção empreendedora. Diante do impacto desta pesquisa, cabe destacar no incentivo do estabelecimento de políticas e práticas às Instituições de Ensino Superior (IES), a fim de impulsionar e motivar o empreendedorismo, condicionando o desenvolvimento de universidades mais empreendedoras. Os resultados contribuem para ampliar o conhecimento sobre

intenção empreendedora, essencial para se compreender o empreendedorismo entre países distintos.

**Palavras-chave:** Cross-cultural; Intenção Empreendedora; Universitários.

### **Abstract**

This research aims to verify the influence of the profile of Brazilian and Portuguese university students on entrepreneurial intention. This is a quantitative and descriptive study, with data collected from 397 university students - 285 individuals from a Brazilian University and 112 from a Portuguese University, both with courses related to management and disciplines aimed at entrepreneurship. A set of items was adopted, addressing the sociodemographic characteristics and the professional experience of the parents, based on methodological bases in Carvalho and González (2006) and Thompson (2009). The statistical techniques used are segmented into descriptive statistics and logistic regression. The results allowed us to point, first, to the Brazilian sample: positive influence of professional experience (owner of a company), in line with Ajzen's Theory of Planned Behavior (1991), which shows that the greater the intention, the more likely it is entrepreneurial behavior; and negative influence of the female sex and the experience of the parents (parents who are not entrepreneurial), thus verifying a positive influence of the family context on the entrepreneurial intention. In addition, for the Portuguese sample, there was a negative influence related to the year in which the student entered the university, that is, the more recent the year in which he entered the university, the less his entrepreneurial intention is. Given the impact of this research, it is worth mentioning the incentive for the establishment of policies and practices for Higher Education Institutions (HEIs), to boost and motivate entrepreneurship, conditioning the development of more entrepreneurial universities. The results contribute to expand the knowledge about entrepreneurial intention, essential to understand entrepreneurship between different countries.

**Keywords:** Cross-cultural; Entrepreneurial Intention; College students.

## **1. Introdução**

O empreendedorismo pode impactar no desenvolvimento econômico de um país, gerando emprego e renda para a sociedade (GEM, 2017; NAJBERG et al., 2018; TEIXEIRA; DAVEY, 2010). Diante das discussões atuais sobre empreendedorismo, é pertinente enfatizar o seu impacto no tripé da sustentabilidade, isto é, nos âmbitos econômico, social e ambiental, que Elkington (1998; 2013) denominou de "*triple bottom line*".

Em relação ao empreendedorismo, destaca-se a intenção empreendedora, que é um dos fenômenos mais recorrentes em pesquisas no campo do conhecimento científico do empreendedorismo (BIRD, 1988; FAYOLLE; GAILLY, 2015; LIÑÁN; CHEN, 2009; LIÑÁN; FAYOLLE, 2015; NABI et al., 2018). Além disso, a intenção pode ser considerada essencial e amplamente discutida para compreender e explicar o processo da formação de novos negócios e, conseqüentemente, de futuros empreendedores (KRUEGER, 2017; PAIVA et al., 2020).

A intenção empreendedora é um processo intrínseco do indivíduo (AUTONEN; VAN GELDEREN; FINK, 2015; LIÑÁN; CHEN, 2009), sendo uma predisposição para a realização de um determinado comportamento. Levando-se em conta a perspectiva de Ajzen (1991), a intenção é anterior ao comportamento real do empreendedorismo,

ou seja, antecipa a criação ou expansão de um determinado negócio. Liñán e Chen (2009), Thompson (2009), Teixeira e Davey (2010), Fayolle e Gailly (2015) e Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018) apontam modelos baseados na intenção empreendedora, com foco em antecipar possíveis potenciais empreendedores.

Existem várias pesquisas que buscam associar as questões culturais ao empreendedorismo, uma vez que a intenção empreendedora é uma área consolidada de pesquisa dentro do domínio do empreendedorismo (FAYOLLE; LIÑÁN, 2014). A ideia sobre a criação de uma empresa (AUTIO et al., 2014; ZHANG; WANG; OWEN, 2015) e as questões culturais que influenciam os empreendedores (LIÑÁN; CHEN, 2009; THOMAS; MUELLER, 2000) elucidam discussões do contexto cultural relacionado ao campo do conhecimento científico do empreendedorismo (LIÑÁN; CHEN, 2009; MORIANO et al., 2012; PAUL; HERMEL; SRIVATAVA, 2017).

Com base nessas discussões, é pertinente ainda destacar que o paradigma *cross-cultural* é um caminho para a contextualização de conceitos e teorias em prol de estudos que versam sobre contextos internacionais e multiculturais. Sendo assim, a cultura pode enaltecer uma possível comparação das diferenças inerentes a cada país (GUERRERO et al., 2014; HOFSTEDE, 2011; TOGHRAEE; MONJEZI, 2017), compreendendo-se tais diferenças no âmbito do empreendedorismo (PAUL; HERMEL; SRIVATAVA, 2017).

Dessa forma, fica evidente que investigações comparativas buscam, essencialmente, enriquecer estudos e analisar contextos culturais distintos (SHINNAR; GIACOMIN; JANSSEN, 2012). Considerando as discussões que contextualizaram o empreendedorismo, com ênfase na intenção empreendedora, assim como no contexto cultural, mostra-se o seguinte problema para o desenvolvimento desta pesquisa: *quem são os universitários brasileiros e portugueses com intenção empreendedora?* Logo, o estudo tem como objetivo verificar a influência do perfil dos universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora.

De modo geral, a contribuição teórica do estudo fundamenta-se na metodologia proposta Whetten (1989), respondendo aos critérios: "o quê"; "como"; "por quê"; "quem, onde e quando". Em relação ao "o quê", identifica-se a influência do perfil dos universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora; "como", por meio da investigação empírica junto aos universitários brasileiros e portugueses; "por quê", após buscas em portais de pesquisas científicas, como *Spell* e *Scielo*, vê-se que são escassos os estudos que alinham o perfil dos universitários entre culturas distintas na intenção empreendedora; e "quem, onde e quando", são as limitações nas proposições das explicações da pesquisa científica, sendo esta realizada em um momento específico, com estudantes universitários do curso de Administração, o qual está relacionado à gestão. Rasli, Khan, Malekifar e Jabeen (2013), Lima et al. (2016), Ferreira, Loiola e Gondim (2017) e Paiva et al. (2020) reforçam que os estudantes universitários podem ser mais instruídos e propensos ao empreendedorismo.

Espera-se, portanto, que os resultados desta pesquisa venham a fomentar o incentivo de políticas públicas direcionadas às universidades, de modo a estimular a educação empreendedora por meio de disciplinas, projetos de extensão e parcerias entre universidades e empresas, sobretudo no contexto de diferentes culturas, pois, nesse contexto, pode possibilitar ainda mais um panorama acerca de quem são os universitários com intenção empreendedora.

Além desta seção introdutória, este artigo está segmentado em mais quatro seções. A segunda seção contempla discussões sobre a intenção empreendedora. A terceira seção aborda os procedimentos metodológicos adotados para a obtenção dos dados da pesquisa; e, em seguida, a análise e discussão dos resultados. Por fim, destacam-se as considerações finais do estudo com reflexões para futuras pesquisas sobre intenção empreendedora.

## 2. Intenção empreendedora

Estudos e discussões a respeito da intenção empreendedora vêm ganhando visibilidade e relevância a partir, principalmente, das duas últimas décadas do Século XX, como por exemplo os trabalhos de Shapero e Sokol (1982) e Davidsson (1995); e do Século XXI, com Carvalho e González (2006), Liñán e Chen (2009), Teixeira e Davey (2010), Bae et al. (2014), Fayolle e Gailly (2015), Krueger (2017), Passaro, Quinto e Thomas (2018), Paiva et al. (2020), Sousa et al. (2020) e Anwar et al. (2021).

As obras seminais de Shapero marcam o ponto crucial de pesquisas referentes à intenção empreendedora (SHAPERO; SOKOL, 1982). Então, pesquisadores do campo de estudos do empreendedorismo reconheceram o valor da intenção empreendedora como peça-chave para compreender o processo de criação de uma empresa (BIRD, 1988). Assim, com a evolução da literatura sobre intenção empreendedora, algumas teorias foram consideradas cruciais para explicar esse fenômeno (AUTIO et al., 2001).

Desde a década de 1990, a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), proposta por Ajzen (1991), é referência para o campo dos estudos relacionados ao empreendedorismo, e com isso é possível, portanto, a partir dessa teoria e de suas abordagens, compreender crenças e comportamentos (DE LEEUW et al., 2015) que são preditores na explicação da intenção empreendedora (KRUEGER, 2017; LIÑÁN; CHEN, 2009). Shapero e Sokol (1982) enfatizam a importância da literatura empírica do empreendedorismo e das intenções empreendedoras, assim como o reconhecimento de modelos e teorias, como a TCP, que procuram identificar e explicar a intenção empreendedora (KRUEGER; CARSRUD, 1993); e Fayolle e Liñán (2014) e Schlaegel e Koenig (2014) reforçam que a intenção é essencial para se tratar do empreendedorismo.

A intenção está relacionada ao que antecede o empreendedorismo (AJZEN, 1991), referindo-se a um processo de criação de empresas (KRUEGER; CARSRUD, 1993; SCHLAEGEL; KOENIG, 2014). Krueger (2017) destaca que a construção da intenção está fundamentada na tomada de decisão, e então são enfatizados aspectos relacionados a riscos e incertezas, como fatores contextuais e sociodemográficos. Nesse sentido, Paço et al. (2011) destacam que a intenção empreendedora é um aspecto crucial para se tratar do empreendedorismo; e Shapero e Sokol (1982) evidenciam a importância da literatura empírica do empreendedorismo e das intenções empreendedoras, assim como o reconhecimento de modelos que buscam explicar e identificar a intenção empreendedora (KRUEGER; CARSRUD, 1993).

De acordo com Thompson (2009), a intenção do indivíduo é o seu "auto-reconhecido" para criar um empreendimento e conscientemente planejar fazê-lo crescer no futuro. Sendo assim, a intenção empreendedora é uma condição necessária para que o indivíduo venha a se tornar um empreendedor no futuro. O

GEM (2017) considera que a intenção direciona os indivíduos para se tornarem futuros empreendedores nascentes (em estágios iniciais).

Carvalho e González (2006) demonstram fatores externos e individuais que influenciam a atitude-intenção comportamental, e que são denotados em estudos referentes à intenção empreendedora, visto que têm como foco prever aspectos comportamentais que procuram elucidar as intenções por meio de atitudes, levando-se como base, principalmente, a psicologia comportamental. Diante dessa perspectiva, Krueger e Carsrud (1993), Thompson (2009), Autio et al. (2014) e Kautonen, Gelderen e Fink (2015) acentuam também modelos baseados na intenção empreendedora, os quais contribuem para prever empreendedores, considerando, desta forma, o impacto deles na economia, na sociedade e no meio ambiente.

Bird (1988) evidenciou que a intenção empreendedora é um estado de espírito, uma meta, que pode ser afetada por diversas situações, como habilidades, traços de personalidade, envolvente familiar e social. Krueger e Carsrud (1993) e Krueger e Brazeal (1994) enfatizaram traços de personalidade, aspectos demográficos e atitudinais - com maior flexibilidade aos fatores externos, tendo em vista que o maior preditor do comportamento é a intenção. Davidsson (1995) relacionou as variáveis pessoais, incluindo idade, gênero, educação, experiência de vida e de mudança, com uma variedade de atitudes que influenciam a intenção empreendedora.

A intenção do indivíduo em prol do empreendedorismo é abordada na literatura por ser influenciada por fatores, a saber: tempo, cooperação com outros, inovação e recursos financeiros (AUTIO et al., 2014; TEIXEIRA; DAVEY, 2010). Ademais, outros fatores também podem influenciar na intenção empreendedora: experiência profissional, gênero, idade e familiares empreendedores (BORGES; MONDO; MACHADO, 2016; KUCKERTZ; WAGNER, 2010; SIEGER; MINOLA, 2017; THOMPSON, 2009), e esses fatores estão no foco desta investigação empírica, levando-se em conta os estudantes universitários brasileiros e portugueses.

### 3. Procedimentos metodológicos

Este estudo guia-se pelo paradigma positivista, tratando-se de uma pesquisa quantitativa, de natureza descritiva. Ademais, pode ser considerada exploratória, por explorar relações entre as variáveis sociodemográficas. O método adotado para obtenção dos dados é por meio de um *survey* intencional junto aos estudantes universitários brasileiros e portugueses (HAIR et al., 2009).

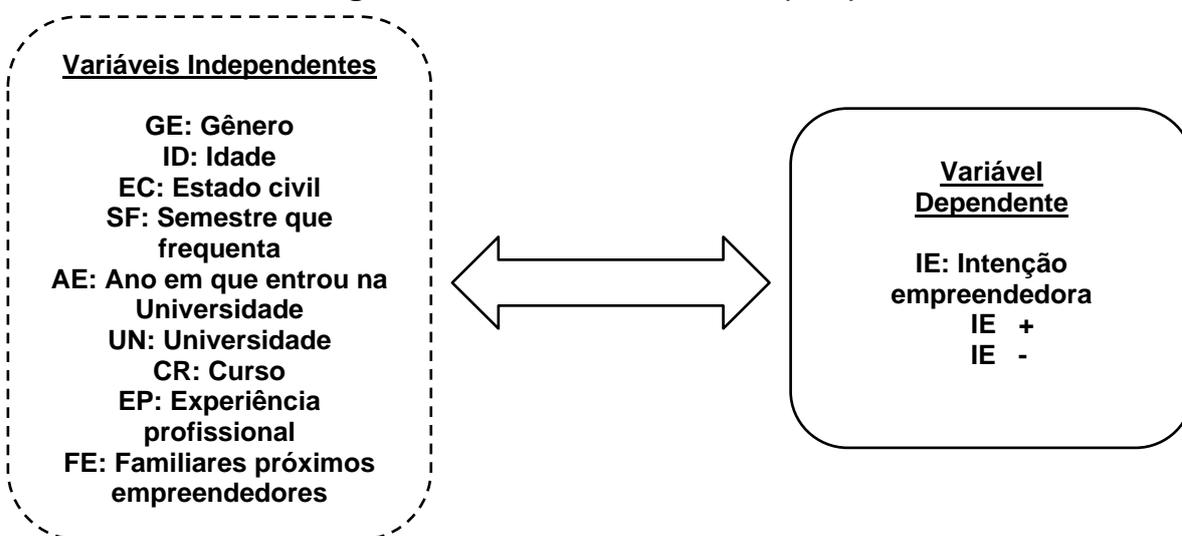
Nessa perspectiva dos estudantes universitários, é pertinente enfatizar que o curso de administração apresenta estudos e práticas relacionadas ao empreendedorismo (PAÇO et al., 2011), o que ampara a justificativa desse curso para o universo investigado. Além disso, ressalta-se a escolha de universitários de Brasil e Portugal, corroborando ao que foi enfatizado por Thomas e Muller (2000), os quais listam alguns motivos considerados primordiais para a escolha deles, no que tange a pesquisas referentes ao empreendedorismo, o que também se valem de contribuição para justificar a população escolhida nesta pesquisa: (i) dificuldade de acessibilidade dos empreendedores, visto que já têm seus negócios próprios; e (ii) relevância de analisar a intenção empreendedora dos estudantes universitários, tal como a homogeneidade da amostra, permitindo comparações entre culturas.

Foi obtida uma amostra de 397 estudantes universitários – 285 indivíduos de uma Universidade localizada no Nordeste do Brasil e 112 de uma Universidade localizada no Sul de Portugal, ambas com cursos relacionados à gestão e disciplinas direcionadas para o empreendedorismo. Ademais, são Universidades que contribuem para o empreendedorismo local e nacional, além de estarem em cidades consideradas preponderantes para o turismo.

Para caracterizar o perfil dos universitários brasileiros e portugueses, consideram-se as pesquisas de Carvalho e González (2006) e Thompson (2009), baseando-se em um conjunto de itens que permite mensurar aspectos relacionados às variáveis sociodemográficas – que constituem o instrumento utilizado para a coleta de dados: Gênero (GE); Idade (ID); Estado Civil (ES); Semestre que Frequenta (SF); Universidade (UN); Curso (CR) e Experiência Profissional (EP). Além destas, considera-se ainda os Familiares Próximos Empreendedores (FPE), variável que mensura se os universitários têm pais empreendedores; ou se têm pais que já foram empreendedores, mas não mais; ou se têm pais que nunca foram empreendedores. Por estar relacionado a duas culturas distintas: Brasil e Portugal, esses grupos são nomeados, respectivamente: "Amostra Brasileira" e "Amostra Portuguesa".

Com o intuito de mensurar a intenção empreendedora, adota-se uma variável dicotômica, com os valores "sim/não", perguntando se os estudantes universitários têm intenção em empreender nos próximos 5 anos, conforme propõe Thompson (2009). Adicionalmente, verifica-se se estes indivíduos já são empreendedores.

**Figura 1** - Modelo conceitual da pesquisa



Fonte: Elaborada pelos autores.

+ indica com intenção empreendedora

- indica sem intenção empreendedora

As técnicas estatísticas adotadas estão segmentadas em: (i) estatística descritiva, a qual permite a utilização de tabelas de frequência para verificar a intenção de o estudante empreender, retratando o perfil da amostra em relação a gênero, idade, semestre que frequenta, experiência profissional dos estudantes universitários e dos pais e país de origem, mostrando ainda aspectos comparativos entre os brasileiros e portugueses, por meio do valor p do qui-quadrado; e (ii) regressão logística (*Logistic Regression* – LR), a fim de verificar a relação entre uma variável dependente (intenção empreendedora) em função das variáveis independentes (sociodemográficas –

relacionadas ao perfil da amostra) (HAIR et al., 2009). Nesse contexto, considera-se para a regressão logística que quanto menor o sig. (grau de significância), maior o poder de explicação da variável independente na variável dependente. Para isso, leva-se em consideração a perspectiva de Hair et al. (2009), que sugerem significância menor do que 0,05 para aceitação da variável na análise.

As análises estatísticas das respostas obtidas tiveram tratamento de dados com o auxílio do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 22.0 e do software R (*A language and environment for statistical computing*).

## 4. Análise e discussão dos resultados

### 4.1 Amostra da pesquisa

A amostra é composta por 397 estudantes universitários, destes, 285 estudantes na "amostra brasileira", em que se verifica predominância de universitários com Intenção Empreendedora (IE), representando 53,3%. As mulheres apresentam, de modo geral, um quantitativo menor do que os homens, considerando os indivíduos com IE (56,8% *versus* 50,3%). Quanto à "amostra portuguesa", constata-se um quantitativo de 112 indivíduos, sendo 75,7% com IE, e os homens demonstraram um pouco mais de IE do que as mulheres (76,6% *versus* 73,8%).

Os universitários da "amostra portuguesa" mostraram-se predominantes para a IE quando comparados com os universitários da "amostra brasileira" (75,7% *versus* 53,3%). Além disso, os estudantes universitários sem IE representaram um percentual de 20% *versus* 40% ao comparar as amostras portuguesa e brasileira, respectivamente. Tomando como base o alinhamento entre a IE dos indivíduos e a experiência profissional, mostra-se a Tabela 1, uma vez que, além de caracterizar os indivíduos com IE, exibe os indivíduos que já são empreendedores.

**Tabela 1** - Tabulação cruzada entre experiência profissional x intenção empreendedora (Amostra Brasileira)

Experiência profissional	Intenção empreendedora			Total	Valor p do Qui-quadrado
	Sim	Não	Empreendedor		
Nunca trabalhou	39 58,2%	28 41,8%	0 0,0%	67 100,0%	0,000
Proprietário/sócio de uma empresa	8 34,8%	1 4,3%	14 60,9%	23 100,0%	
Trabalha em um setor privado	66 55,5%	50 42,0%	3 2,5%	119 100,0%	
Trabalha em um setor público	28 48,3%	29 50,0%	1 1,7%	58 100,0%	
Outra situação profissional	11 61,1%	6 33,3%	1 5,6%	18 100,0%	
Total	152 53,3%	114 40,0%	19 6,7%	285 100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível destacar que existe representatividade dentre os indivíduos que nunca trabalharam, 58,2% com IE e 41,8% sem IE. Ao comparar a IE entre os indivíduos que trabalham nos setores público e privado: quem trabalha em setor privado manifestou ter mais IE (55,5%) do que quem trabalha em setor público (48,3%). Para os que trabalham em outras situações profissionais, destaca-se 61,1%

com IE, e isto difere de Kuckertz e Wagner (2010), pois estes autores ressaltaram, em sua pesquisa, que os indivíduos com experiência profissional mostravam ter mais IE do que os indivíduos sem experiência profissional.

Além disso, justifica-se a significância dessa análise por meio do valor p do qui-quadrado 0,000, o que é fortemente aceitável, haja vista que de acordo com a literatura, existe um patamar mínimo de 0,05 para a sua significância na análise. Maroco (2007) enfatiza que o teste do qui-quadrado permite avaliar se duas ou mais amostras (ou grupos) independentes diferem relativamente a uma determinada característica. Nessa perspectiva, devido a seu valor destacado na análise entre experiência profissional e IE, fundamenta-se que existe tal associação entre a experiência profissional do estudante universitário e a sua IE.

Ao levar em conta a experiência profissional para a amostra portuguesa, prevalece na amostra os indivíduos que nunca trabalharam, que representa 40,18%; em seguida, tem-se os que trabalham em um setor privado, que é de 27,68%. Ademais, mostra-se a tabulação cruzada da IE com a experiência profissional, conforme observa-se na Tabela 2.

**Tabela 2** - Tabulação cruzada entre experiência profissional x intenção empreendedora (Amostra Portuguesa)

Experiência profissional	Intenção empreendedora			Empreendedor	Total	Valor p do Qui-quadrado
	Sim	Não				
Nunca trabalhou	35 77,8%	10 22,2%	0 0,0%	45 100,0%	0,000	
Proprietário/sócio de uma empresa	7 63,6%	0 0,0%	4 36,4%	11 100,0%		
Trabalha em um setor privado	25 80,6%	6 19,4%	0 0,0%	31 100,0%		
Trabalha em um setor público	6 100,0%	0 0,0%	0 0,0%	6 100,0%		
Outra situação profissional	11 57,9%	7 36,8%	1 5,3%	19 100,0%		
Total	84 75,0%	23 20,5%	5 4,5%	112 100,0%		

Fonte: Dados da pesquisa.

Detecta-se, primeiramente, o valor p do qui-quadrado 0,000, visto que esse valor é fortemente aceitável na literatura, podendo-se apontar tal significância para a análise, e isto indica que, de fato, existe associação expressiva entre a experiência profissional e a IE na amostra portuguesa.

Pela Tabela 2 verifica-se, ainda, que dentre os indivíduos que nunca trabalharam, 77,8% têm IE; e dos que trabalham em um setor privado, 80,6% têm IE. Vale enfatizar que todos os indivíduos que trabalham no setor público têm IE. Diante desses dados apresentados na amostra portuguesa, constata-se que a experiência profissional não impacta diretamente na IE, o que se pode compreender que os indivíduos que nunca trabalharam e os que estão inseridos no mercado de trabalho, tanto no setor público quanto no privado, têm IE, o que contradiz a perspectiva de Kuckertz e Wagner (2010).

Com o intuito de compreender a IE em relação aos universitários que têm pais empreendedores, variável nomeada de Familiares Próximos Empreendedores (FPE) ou experiência dos pais, destaca-se a influência da Teoria do Comportamento

Planejado de Ajzen (1991), bem como os estudos de De Wit (1993), Van Praag (1997), Carvalho e González (2006), Almeida e Teixeira (2014), Steinmetz et al. (2016) e Ferreira, Loiola e Gondim (2017).

**Tabela 3** - Tabulação cruzada entre experiência profissional dos pais x intenção empreendedora (Amostra Brasileira)

Experiência profissional dos pais	Intenção empreendedora			Total	Valor p do Qui - quadrado
	Sim	Não	Empreendedor		
Sim, pelo menos um é empreendedor	70 68,0%	23 22,3%	10 9,7%	103 100,0%	0,000
Não, mas pelo menos um já foi empreendedor	37 50,0%	34 45,9%	3 4,1%	74 100,0%	
Não, nenhum nunca foi empreendedor	45 41,7%	57 52,8%	6 5,6%	108 100,0%	
Total	152 53,3%	114 40,0%	19 6,7%	285 100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Ressalta-se o valor p do qui-quadrado 0,000, o que é fortemente aceitável na literatura, podendo-se apontar tal significância à análise – indicando associação entre experiência profissional dos pais (familiares próximos empreendedores) e IE. Dessa maneira, os estudantes universitários que têm pais empreendedores e os que já tiveram pais empreendedores têm, por sua vez, mais IE quando comparado com os estudantes universitários que não têm pais empreendedores, e isto pode ser considerado essencial para verificar a influência dos familiares próximos empreendedores na IE dos estudantes universitários da amostra brasileira.

Diante dessa abordagem, vale corroborar com o que foi enfatizado por De Wit (1993), Van Praag (1997), Reynolds et al. (2002), Carvalho e González (2006), Teixeira e Forte (2009) e Teixeira e Davey (2010), Khuong e An (2016), Steinmetz et al. (2016), Wang, Wang e Chen (2017) e Zampetakis et al. (2017), que evidenciaram, em suas pesquisas, a influência dos pais (familiares próximos empreendedores) na IE dos indivíduos.

Acentua-se também a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), que aponta a influência da pressão social e dos familiares para as consequências do comportamento do indivíduo, podendo-se relacionar este comportamento ao empreendedorismo (AJZEN, 1991; LIÑÁN; CHEN, 2009). Percebe-se, portanto, que os familiares próximos empreendedores são essenciais para incentivar e impulsionar a IE dos estudantes universitários.

Com base na associação entre a experiência profissional e a intenção empreendedora, levando-se em consideração a amostra portuguesa, é pertinente salientar o valor p do qui-quadrado de 0,557, o que permite inferir que não existe associação estatisticamente significativa para a análise entre a experiência dos pais e a IE na amostra portuguesa, conforme verifica-se pela Tabela 4.

**Tabela 4** - Tabulação cruzada entre experiência profissional dos pais x intenção empreendedora (Amostra Portuguesa)

Experiência profissional dos pais	Intenção empreendedora			Total	Valor p do Qui - quadrado
	Sim	Não	Empreendedor		
Sim, pelo menos um é empreendedor	36 78,3%	8 17,4%	2 4,3%	46 100,0%	0,557
Não, mas pelo menos um já foi empreendedor	12 66,7%	4 22,2%	2 11,1%	18 100,0%	
Não, nenhum nunca foi empreendedor	36 75,0%	11 22,9%	1 2,1%	48 100,0%	
Total	84 75,0%	23 20,5%	5 4,5%	112 100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar da não associação estatística nesse critério, aponta-se que dos estudantes universitários que têm pais empreendedores, 78,3% têm IE; e dos que não têm pais empreendedores, 75% têm IE. Constata-se, então, um alto índice de IE na amostra portuguesa, mesmo que não tenha mostrado influência estatisticamente significativa dos familiares próximos empreendedores na IE

Em virtude dessas abordagens, é pertinente ressaltar que na amostra portuguesa ocorre predominância da IE para os estudantes universitários. O quantitativo de homens e mulheres com IE é próximo, embora os homens apresentaram ter um pouco mais de IE do que as mulheres. Identifica-se ainda que quase toda essa amostra é composta por indivíduos solteiros(as) e em todos os semestres foram identificados estudantes universitários com IE.

Repara-se que para os estudantes universitários que têm pais empreendedores, 71,1% têm IE; no entanto, para quem têm pais que já foram empreendedores, porém não mais, 53,3% têm IE e para os indivíduos que têm pais que nunca foram empreendedores, 51,9% têm IE, e isto é pertinente para inferir que existe relação entre a IE e os familiares próximos empreendedores. Esse resultado está de acordo com os achados de vários pesquisadores da área do empreendedorismo, a exemplo de Krueger e Brazeal (1994), Davidsson (2005), Reynolds et al. (2002), Carvalho e González (2006), Teixeira e Forte (2009), Teixeira e Davey (2010), Van Der Zwan, Thurik e Grilo (2010), Schoon e Duckworth (2012) e Wang, Wang e Chen (2017).

Enquanto que na amostra brasileira verificaram-se indícios estatisticamente significantes para a influência dos familiares próximos empreendedores na IE dos estudantes universitários, corroborando com as pesquisas de Carvalho e González (2006), Teixeira e Davey (2010), Almeida e Teixeira (2014), Schlaegel e Koenig (2014), Fayolle e Gailly (2015), Randerson et al. (2015), Lima et al. (2016), Loiola et al. (2016), Sieger e Minola (2017) e Paiva et al. (2018); na amostra portuguesa não ocorreram inferências estatisticamente significantes para essa influência.

## 4.2 Resultados dos modelos de regressão

O modelo teórico proposto para esta pesquisa é verificado por meio de dois modelos de regressão: (i) variável dependente – IE dos universitários da amostra brasileira; e (ii) variável dependente – IE dos universitários da amostra portuguesa.

Diante disso, a utilização da regressão torna-se pertinente por buscar explicar a influência da IE dos estudantes brasileiros e portugueses a partir das variáveis sociodemográficas (perfil dos universitários).

Vale ressaltar que os indivíduos que já são empreendedores, para fins de análise dos dados da regressão, foram incorporados aos indivíduos com IE, podendo-se considerar a variável dependente (intenção empreendedora) dicotômica ("sim" ou "não"). Isso se justifica devido ao Ajzen (1991) considerar que quanto maior a intenção, mais provável é o comportamento; então, indivíduos com comportamentos empreendedores ou que já são empreendedores têm, conseqüentemente, IE.

Na primeira análise, considerando a amostra brasileira, ressaltam-se 285 indivíduos. O modelo tem eficiência de 69% para explicar a intenção empreendedora, expressando  $R^2$  de Nagelkerke de 0,205, o que indica que o modelo é aceitável para explicar a variável dependente a partir das variáveis independentes (TABELA 5).

**Tabela 5** - Resultados do modelo de regressão para a amostra brasileira

Variáveis do perfil da amostra	B	Sig.	Exp(B)
<b>Sexo (Feminino)</b>	<b>-,625</b>	<b>,024</b>	<b>,535</b>
Idade	-,042	,234	,959
Estado Civil		,957	
Estado Civil (Casado)	,068	,894	1,070
Estado Civil (Separado)	-,309	,818	,734
Ano que entrou na universidade	,043	,600	1,043
Experiência profissional		,073	
<b>Experiência profissional (Proprietário de uma empresa)</b>	<b>2,959</b>	<b>,008</b>	<b>19,282</b>
Experiência profissional (Trabalha em um setor privado)	,200	,561	1,222
Experiência profissional (Trabalha em um setor público)	-,115	,784	,891
Experiência profissional (Outra situação)	,350	,537	1,419
Experiência dos Pais		,000	
<b>Experiência dos Pais (Não, mas pelo menos um já foi empreendedor)</b>	<b>-,947</b>	<b>,007</b>	<b>,388</b>
<b>Experiência dos Pais (Não, nenhum nunca foi empreendedor)</b>	<b>-1,371</b>	<b>,000</b>	<b>,254</b>
Constante	-83,310	,610	,000

Fonte: Dados da pesquisa.

O sexo (Feminino) apresenta influência negativa na IE, destacando-se os valores p de 0,024, B de -0,625 e Exp (B) de 0,535, que permitem evidenciar que as mulheres têm 46,5% a menos de chances de terem IE, quando comparadas com os homens. Nesse sentido, os homens estão mais propensos a terem IE, em consonância com o que foi abordado por Teixeira e Davey (2010) e Shinnar, Giacomini e Janssen (2012). Por sua vez, Van der Zwan, Verheul e Thurik (2012), ao investigarem 26168 indivíduos de trinta e dois países europeus, três asiáticos e nos EUA, constataram que os homens têm o dobro de chances de terem uma carreira mais voltada para o empreendedorismo do que as mulheres.

Os indivíduos que já são proprietários de empresas demonstraram ter IE, com valores p de 0,008, B de 2,959 e Exp (B) de 19,282, e isto entra em consonância com a Teoria do Comportamento Planejado, proposta por Ajzen (1991), de que quanto maior for a IE, maior a probabilidade de o indivíduo realizar determinado comportamento. Vale corroborar aos resultados dos estudos empíricos de Carvalho e González (2006) e Saeed et al. (2015), que examinaram aspectos comportamentais que podem influenciar na IE; e com o de Paço et al. (2011), que ressaltaram que a

intenção é essencial para se compreender o empreendedorismo. Bird (1988) enfatiza, ainda, que a intenção empreendedora se refere a qualquer noção do indivíduo ligada para a criação de um novo empreendimento (novo negócio ou empresa), e os empreendedores guiaram-se por suas fortes intenções em criar determinado empreendimento.

Em relação aos familiares próximos empreendedores, consideram-se mais duas análises: (i) experiência dos pais (pelo menos um já foi empreendedor) – valores p de 0,007, B de -0,947 e Exp (B) de 0,388; e (ii) experiência dos pais (nenhum nunca foi empreendedor) – valores p de 0,000, B de -1,371 e Exp (B) de 0,254. Diante dessa análise, compreende-se que os indivíduos que não têm pais empreendedores tiveram influência negativa na IE. Logo, os indivíduos que tiveram pais empreendedores, mas não mais, obtiveram 61,2% de chances de não terem IE. Ademais, os indivíduos que nunca tiveram pais empreendedores apresentaram 74,6% de chances de não terem IE, e isto mostra a influência dos familiares próximos empreendedora na IE dos universitários, o que entra em concordância com as pesquisas de Teixeira e Davey (2010), Fayolle e Gailly (2015), Sieger e Minola (2017) e Paiva et al. (2018).

Ao considerar o outro modelo da regressão logística, retratam-se os resultados para a amostra portuguesa, com 112 indivíduos. O modelo detém uma eficiência de 80% para explicar a intenção empreendedora a partir das variáveis explicativas (ou independentes), apresentando R<sup>2</sup> de Nagelkerke de 0,258, valor que aponta também a aceitação do modelo para explicar a variável dependente a partir das variáveis independentes (Tabela 6).

**Tabela 6 - Resultados do modelo de regressão para a amostra portuguesa**

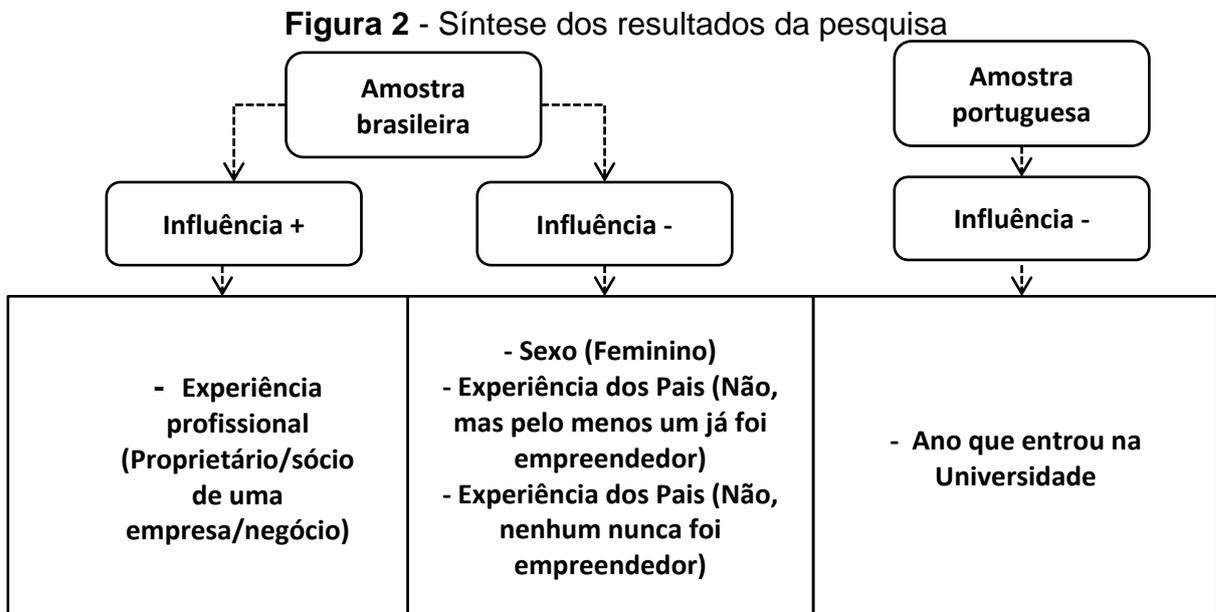
Variáveis do perfil da amostra	B	Sig.	Exp(B)
Sexo (Feminino)	-,155	,778	,857
Idade	,195	,288	1,215
Estado Civil		1,000	
Estado Civil (Casado)	20,385	1,000	713280375,348
Estado Civil (Separado)	-20,826	1,000	,000
<b>Ano que entrou na universidade</b>	<b>-,516</b>	<b>,018</b>	<b>,597</b>
Experiência profissional		,958	
Experiência profissional (Proprietário de uma empresa)	19,747	,999	376654344,764
Experiência profissional (Trabalha em um setor privado)	,162	,792	1,176
Experiência profissional (Trabalha em um setor público)	20,571	,999	859172299,023
Experiência profissional (Outra situação)	-,407	,539	,665
Experiência dos Pais		,880	
Experiência dos Pais (Não, mas pelo menos um já foi empreendedor)	-,094	,905	,911
Experiência dos Pais (Não, nenhum nunca foi empreendedor)	-,283	,618	,753
Constante	-1,009	,764	,365

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que apenas a variável – ano em que entrou na universidade – teve influência negativa na IE dos universitários portugueses, com os valores p de 0,018, B de -0,516 e Exp (B) de 0,597. Dessa forma, argumenta-se que quanto maior o ano em que o universitário português entrou na universidade, menor a sua IE. Estes, por sua vez, têm 40,3% de chances a menos de terem IE quando comparados com os indivíduos que entraram em anos anteriores (ou seja, os que estão em semestres mais avançados). Para essa amostra, todas as outras análises no modelo de regressão,

que pretendiam verificar suas influências na IE, não foram significantes para explicar tal análise.

Pela Figura 2 aborda-se uma síntese dos resultados dos dois modelos de regressão para ambas as amostras (brasileira e portuguesa), que indicam uma sumarização da influência do perfil dos estudantes universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora.



Fonte: Elaborada pelos autores.

+ positiva  
- negativa

De modo geral, esses resultados possibilitam uma melhor compreensão acerca do perfil dos universitários brasileiros e portugueses que têm intenção empreendedora. Diante disso, reforça-se que conhecer os indivíduos que têm IE entre culturas distintas possibilita, por sua vez, apresentar um panorama dos possíveis potenciais empreendedores (KRUEGER, 2017; SHINNAR; GIACOMIN; JANSSEN, 2012), considerando os brasileiros e portugueses, os quais podem impactar também na economia, na sociedade e no meio ambiente.

## 5. Considerações finais

Este estudo teve como principal diretriz verificar a influência do perfil dos universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora. Em uma perspectiva central, foram retratados os perfis dos universitários de duas Universidades (uma no Brasil e outra em Portugal), em que a metodologia aplicada se mostrou pertinente às análises e permitiu verificar tais influências.

Na amostra brasileira, dentre os 285 universitários, 53,3% mostrou ter IE. Ademais, os universitários que têm pais empreendedores e os que já tiveram pais empreendedores, mas não são mais, mostraram predominância em ter IE, e isto ratifica a influência dos familiares próximos empreendedores na IE, conforme Davidsson (1995), Carvalho e González (2006), Bae et al. (2014), Schlaegel e Koenig (2014) e Fayolle e Gailly (2015) apontaram que os indivíduos com familiares que têm

negócios próprios, tendem, então, a seguirem carreiras voltadas para o empreendedorismo, demonstrando mais IE.

Em relação à amostra portuguesa, foi possível constatar que, diante de uma amostra composta por 112 indivíduos, 75,7% manifestaram IE. Nesse contexto, a intenção empreendedora (anterior ao comportamento empreendedor) foi recorrente para os universitários portugueses, e isto coincide com a perspectiva de Ribeiro, Fernandes, Matos e Cabo (2016), os quais argumentam que o empreendedorismo é uma necessidade constante do mercado global e competitivo de Portugal, que proporciona emprego e renda para a sociedade.

De modo geral, em ambas as amostras, foram detectados mais homens do que mulheres com IE, podendo-se, assim, verificar que o gênero ainda detém um certo impacto no empreendedorismo. A população feminina, tradicionalmente, está menos inserida do que a masculina. O empreendedorismo feminino, embora recente no Brasil (TEIXEIRA; BOMFIM, 2016), encontra-se em ascensão, visto que a quantidade de mulheres empreendedoras cresce rapidamente. Todavia, nesta investigação, os homens relevaram ainda ter mais IE do que as mulheres, embora com uma diferença pequena.

Os modelos empregados no estudo, por meio da regressão, permitiram apontar os seguintes resultados, inicialmente, para a amostra brasileira com a seguinte influência positiva: Experiência profissional (Proprietário de uma empresa), estando alinhada à Teoria do Comportamento Planejado (TCP), de Ajzen (1991), que mostra que quanto maior a intenção, mais provável é a manifestação do comportamento empreendedor; e influência negativa: sexo (feminino); Experiência dos Pais (Não, mas pelo menos um já foi empreendedor) e Experiência dos Pais (Não, nenhum nunca foi empreendedor), verificando-se, além da predisposição do sexo masculino para o empreendedorismo, forte influência da TCP, sobretudo por meio da influência das normas sociais – do contexto familiar – na IE do indivíduo.

Além disso, em relação à amostra portuguesa, foi possível identificar apenas uma variável com influência negativa na intenção empreendedora, que está relacionada ao ano em que o estudante entrou na universidade, ou seja, quanto mais recente o ano em que ele entrou na universidade, menos evidente é a sua intenção empreendedora quando comparado com os estudantes universitários dos últimos semestres.

Diante do impacto desta pesquisa no curto prazo, fundamenta-se no incentivo do estabelecimento de políticas e práticas às Instituições de Ensino Superior (IES), a fim de impulsionar e motivar o empreendedorismo, condicionando o desenvolvimento de universidades mais empreendedoras (GUERRERO; URBANO, 2012). Em uma perspectiva de longo prazo, pode impactar de modo a proporcionar reflexões para para o campo do empreendedorismo, podendo-se alinhá-lo mais ao *triple bottom line* (ELKINGTON, 1998; 2013), que se refere ao tripé da sustentabilidade, isto é, nas esferas econômica, social e ambiental.

Em futuras pesquisas, para suplantar algumas limitações desta investigação, a IE e o perfil dos universitários de outros países poderiam ser analisados em pesquisas longitudinais, considerando ainda outras universidades e outros países, o que, a partir de então, poderiam ser realizados estudos comparativos entre os perfis dos universitários com IE, de modo a se ter um panorama sobre os universitários que têm mais propensão a empreender. Assim, é necessário continuar com pesquisas sobre

intenção empreendedora entre culturas distintas para contribuir com os avanços nessa área do conhecimento.

## Referências

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational behavior and human decision processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.

ALMEIDA, F. S.; TEIXEIRA, R. M. Influência da família e das redes sociais na criação de negócios: Estudo de casos múltiplos de jovens empreendedores sergipanos. **Revista Pretexto**, v. 15, n. 2, p. 110-128, 2014.

ANWAR, I.; JAMAL, M. T.; SALEEM, I.; THOUDAM, P. Traits and entrepreneurial intention: testing the mediating role of entrepreneurial attitude and self-efficacy. **Journal for International Business and Entrepreneurship Development**, v. 13, n. 1, p. 40-60, 2021.

AUTIO, E., H.; KEELEY, R.; KLOFSTEN, M.; PARKER, G. G.; HAY, M. Entrepreneurial intent among students in Scandinavia and in the USA. **Enterprise and Innovation Management Studies**, v. 2, n. 2, p. 145-160, 2001.

AUTIO, E.; KENNEY, M.; MUSTAR, P.; SIEGEL, D.; WRIGHT, M. Entrepreneurial innovation: The importance of context. **Research Policy**, v. 43, n. 7, p. 1097-1108, 2014.

BAE, T. J.; QIAN, S.; MIAO, C.; FIET, J. O. The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: A meta-analytic review. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, n. 2, p. 217-254, 2014.

BARBA-SÁNCHEZ, V.; ATIENZA-SAHUQUILLO, C. Entrepreneurial intention among engineering students: The role of entrepreneurship education. **European Research on Management and Business Economics**, v. 24, n. 1, p. 53-61, 2018.

BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: The case for intention. **Academy of Management Review**, v. 13, n. 3, p. 442-453, 1988.

BORGES, W. J.; MONDO, T. S.; MACHADO, H. V. A influência do meio sobre o empreendedorismo a partir das dimensões normativa, regulativa e cognitiva. **Revista Pretexto**, v. 17, n. 2, p. 66-80, 2016.

CARVALHO, P. M. R.; GONZÁLEZ, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 12, n. 1, p. 43-65, 2006.

DAVIDSSON, P. Paul D. Reynolds: Entrepreneurship research innovator, coordinator, and disseminator. **Small Business Economics**, v. 24, n. 4, p. 351-358, 2005.

DE LEEUW, A.; VALOIS, P.; AJZEN, I.; SCHMIDT, P. Using the theory of planned behavior to identify key beliefs underlying pro-environmental behavior in high-school

students: Implications for educational interventions. **Journal of Environmental Psychology**, v. 42, p. 128-138, 2015.

DE WIT, G. An m-sector, n-group behavioral model of self-employment. In: **Determinants of Self-employment**. Physica-Verlag HD, 1993. p. 45-85.

ELKINGTON, J. Partnerships from cannibals with forks: The triple bottom line of 21st-century business. **Environmental Quality Management**, v. 8, n. 1, p. 37-51, 1998.

ELKINGTON, J. Enter the triple bottom line. In: **The triple bottom line**. Routledge, 2013. p. 23-38.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: Hysteresis and persistence. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, 2015.

FAYOLLE, A.; LIÑÁN, F. The future of research on entrepreneurial intentions. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 5, p. 663-666, 2014.

FERREIRA, A. S. M.; LOIOLA, E.; GONDIM, S. M. G. Preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora entre universitários: revisão de literatura. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 2, p. 292-308, 2017.

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor: Global Report 2016/17**. Global Entrepreneurship Research Association (GERA), 2017.

GUERRERO, M.; URBANO, D. The development of an entrepreneurial university. **The Journal of Technology Transfer**, v. 37, n. 1, p. 43-74, 2012.

GUERRERO, M.; URBANO, D.; CUNNINGHAM, J.; ORGAN, D. Entrepreneurial universities in two European regions: A case study comparison. **The journal of Technology Transfer**, v. 39, n. 3, p. 415-434, 2014.

HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. Bookman Editora, 2009.

HOFSTEDE, G. Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. **Online Readings in Psychology and Culture**, v. 2, n. 1, p. 8, 2011.

KAUTONEN, T.; VAN GELDEREN, M.; FINK, M. Robustness of the theory of planned behavior in predicting entrepreneurial intentions and actions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 39, n. 3, p. 655-674, 2015.

KHUONG, M. N.; AN, N. H. The factors affecting entrepreneurial intention of the students of Vietnam national university—a mediation analysis of perception toward entrepreneurship. **Journal of Economics, Business and Management**, v. 4, n. 2, p. 104-111, 2016.

KRUEGER, N. F.; CARSRUD, A. L. Entrepreneurial intention: Applying the theory of planned behaviour. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 5, n. 4, p. 315-330, 1993.

KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, n. 3, p. 91-104, 1994.

KRUEGER, N. F. Entrepreneurial intentions are dead: Long live entrepreneurial intentions. In: **Revisiting the entrepreneurial mind**. Springer, Cham, 2017. p. 13-34.

KUCKERTZ, A.; WAGNER, M. The influence of sustainability orientation on entrepreneurial intentions—Investigating the role of business experience. **Journal of Business Venturing**, v. 25, n. 5, p. 524-539, 2010.

LIMA, S. H. O.; CEGLIA, D.; REBOUÇAS, S. M. D. P.; TEIXEIRA, A. A. C. Modelagem de Intenção Empreendedora de Estudantes Universitários Usando Equações Estruturais. **Revista Pretexto**, v. 17, n. 2, p. 42-65, 2016.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 593-617, 2009.

LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A. A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 11, n. 4, p. 907-933, 2015.

MAROCO, J. **Análise estatística: com utilização do SPSS**. 2007.

MORIANO, J. A.; GORGIEVSKI, M.; LAGUNA, M.; STEPHAN, U.; ZARAFSHANI, K. A cross-cultural approach to understanding entrepreneurial intention. **Journal of Career Development**, v. 39, n. 2, p. 162-185, 2012.

NABI, G.; WALMSLEY, A.; LIÑÁN, F.; AKHTAR, I.; NEAME, C. Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. **Studies in Higher Education**, v. 43, n. 3, p. 452-467, 2018.

NAJBERG, E.; CARVALHO, J. B.; FERREIRA, V. D. R. S.; FREITAG, M. S. B. Análise e caracterização dos casos vencedores do prêmio empreendedor social-de 2005 a 2017. **Gestão e Sociedade**, v. 12, n. 32, p. 2257-2286, 2018.

PAIVA, L. E. B.; LIMA, T. C. B.; REBOUÇAS, S. M. D. P.; FERREIRA, E. M. D. M.; FONTENELE, R. E. S. Influência da sustentabilidade e da inovação na intenção empreendedora de universitários brasileiros e portugueses. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 16, n. 4, p. 732-747, 2018.

PAIVA, L. E. B.; SOUSA, E. S.; LIMA, T. C.; SILVA, D. D. Comportamento planejado e crenças religiosas como antecedentes da intenção empreendedora: um estudo com universitários. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 21, n. 2, 2020.

PASSARO, R.; QUINTO, I.; THOMAS, A. The impact of higher education on entrepreneurial intention and human capital. **Journal of Intellectual Capital**, v. 19, n. 1, p. 135-156, 2018.

PAUL, J.; HERMEL, P.; SRIVATAVA, A. Entrepreneurial intentions—theory and evidence from Asia, America, and Europe. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 15, n. 3, p. 324-351, 2017.

PAÇO, A. M. F.; FERREIRA, J. M.; RAPOSO, M.; RODRIGUES, R. G.; DINIS, A. Behaviours and entrepreneurial intention: Empirical findings about secondary students. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 9, n. 1, p. 20-38, 2011.

RASLI, A.; KHAN, S. U. R.; MALEKIFAR, S.; JABEEN, S. Factors affecting entrepreneurial intention among graduate students of Universiti Teknologi Malaysia. **International Journal of Business and Social Science**, v. 4, n. 2, 2013.

RIBEIRO, M. I.; FERNANDES, A.; MATOS, A.; CABO, P. Empreendedorismo, inovação e desenvolvimento local: as micro e pequenas empresas do interior Norte de Portugal. In: **Actas/proceedings do Congresso Internacional da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional e da Associação Espanhola de Ciência Regional**. Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2011. p. 193-207.

REYNOLDS, P. D.; CAMP, S. M.; BYGRAVE, W. D.; AUTIO, E.; HAY, M. Global entrepreneurship monitor gem 2001 summary report. **London Business School and Babson College**, 2002.

SAEED, S.; YOUSAFZAI, S. Y.; YANI-DE-SORIANO, M.; MUFFATTO, M. The role of perceived university support in the formation of students' entrepreneurial intention. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 4, p. 1127-1145, 2015.

SCHOON, I.; DUCKWORTH, K. Who becomes an entrepreneur? Early life experiences as predictors of entrepreneurship. **Developmental psychology**, v. 48, n. 6, p. 1719, 2012.

SHINNAR, R. S.; GIACOMIN, O.; JANSSEN, F. Entrepreneurial perceptions and intentions: The role of gender and culture. **Entrepreneurship Theory and practice**, v. 36, n. 3, p. 465-493, 2012.

SHAPERO, A.; SOKOL, L. **The social dimensions of entrepreneurship**. Encyclopedia of entrepreneurship, p. 72-90, 1982.

SIEGER, P.; MINOLA, T. The family's financial support as a “poisoned gift”: A family embeddedness perspective on entrepreneurial intentions. **Journal of Small Business Management**, v. 55, p. 179-204, 2017.

SOUSA, E. S.; PAIVA, L. E. B.; SANTOS, A. R.; REBOUÇAS, S. M. D. P.; FONTENELE, R. E. S. A influência das crenças religiosas na intenção empreendedora: uma análise sob a perspectiva da Teoria do Comportamento Planejado. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, n. 1, p. 200-215, 2020.

STEINMETZ, H.; KNAPPSTEIN, M.; AJZEN, I.; SCHMIDT, P.; KABST, R. How effective are behavior change interventions based on the theory of planned behavior? **Zeitschrift für Psychologie**, 2016.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, p. 44-63, 2016.

TEIXEIRA, A. A. C; DAVEY, T. Attitudes of higher education students to new venture creation: The relevance of competencies and contextual factors. **Industry and Higher Education**, v. 24, n. 5, p. 323-341, 2010.

TEIXEIRA, A. A. C; FORTE, R. P. **Unbounding entrepreneurial intents of university students**: a multidisciplinary perspective. Universidade do Porto, Faculdade de Economia do Porto, 2009.

THOMAS, A. S.; MUELLER, S. L. A case for comparative entrepreneurship: Assessing the relevance of culture. **Journal of International Business Studies**, v. 31, n. 2, p. 287-301, 2000.

THOMPSON, E. R. Individual entrepreneurial intent: Construct clarification and development of an internationally reliable metric. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 669-694, 2009.

TOGHRAEE, M. T.; MONJEZI, M. Introduction to Cultural Entrepreneurship: cultural Entrepreneurship in developing countries. **International Review of Management and Marketing**, v. 7, n. 4, p. 67-73, 2017.

VAN PRAAG, C. M. **Determinants of succesful entrepreneurship**. 1997.

WANG, D.; WANG, L.; CHEN, L. Unlocking the influence of family business exposure on entrepreneurial intentions. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 14, n. 4, p. 951-974, 2018.

WHETTEN, D. A. What constitutes a theoretical contribution? **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 490-495, 1989.

ZAMPETAKIS, L. A.; BAKATSAKI, M.; LITOS, C.; KAFETSIOS, K. G.; MOUSTAKIS, V. Gender-based differential item functioning in the application of the theory of planned behavior for the study of entrepreneurial intentions. **Frontiers in Psychology**, v. 8, p. 451, 2017.

ZHANG, P.; WANG, D. D.; OWEN, C. L. A study of entrepreneurial intention of university students. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 5, n. 1, p. 61-82, 2015.